Diálogos entre a educação ambiental crítica, decolonialidade e o Teatro-Fórum de formas animadas

Dialogues between critical environmental education, decoloniality and forum theatre of animated forms

OLIVEIRA, Ruan C. G. B.[1]; DA COSTA, Gabriel A.[2]; OLIVEIRA, Samuel W.[3]; OLIVEIRA, Lucas V. X.[4]; ALVES, Vitor L. dos A.[5]; ESTOLANO, Lilian C. C.[6]
[1] UFRRJ, ruanrj.10@hotmail.com; [2] UFRRJ, gabrielaraujocosta@ufrrj.br; [3] UFRRJ, samuelwillian@ufrrj.br; [4] UFRRJ, lucasvieiragz10.lv@ufrrj.br; [5] UFRRJ, vitorlucas@ufrrj.br; [6] UFRRJ, liliancordeiro.ufrrj@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Não é rara a visão de que a humanidade e a natureza são entes distintos, não relacionados, e, ao não nos reconhecermos enquanto integrantes do Planeta, torna-se mais difícil que nos afeiçoemos a este e o tratemos enquanto um lar que precisa ser cuidado. Neste texto apresentaremos uma prática associada ao Teatro do Oprimido, mais especificamente do Teatro-Fórum, realizada pelo Centro de Integração Socioambiental (CISA), localizado na Casa da Agricultura, Sustentabilidade, Territórios e Educação Popular (CASTE), na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que dialoga com o afastamento entre humanidade e natureza. Buscando uma problematização acerca disso, foram elaboradas temáticas relacionadas à Educação Ambiental Crítica, a partir do olhar dos movimentos decoloniais afrodiaspóricos e originários das Américas, por meio do teatro político, utilizando as técnicas de contação de histórias e do teatro de animação. Desta forma, foram pensadas metodologias do Teatro-Fórum, prática teatral desenvolvida por Augusto Boal, associadas a temáticas socioambientais, para a construção e desenvolvimento dentro da educação socioambiental e na formação de educadores. A prática teatral foi realizada em um espaço de educação não-formal e contou com a participação de integrantes do CISA como espect-atores, ou seja, espectadores que podem intervir na progressão do espetáculo, despertando assim sua capacidade de intervenção na realidade.
Palavras-chave: saberes ancestrais; arte-educação; teatro do oprimido.

Contexto

Objetivando observar a elaboração de conhecimentos ambientais e sociais a partir de uma metodologia participativa integrada às artes teatrais, iniciou-se o processo ao ser escrito um curto espetáculo na forma de contação de histórias, nomeado “Travessias da filha do Ganga por Pindorama”, envolvendo as temáticas a serem trabalhadas, sendo estas o processo de colonização nas Américas e escravização de povos africanos e suas consequências nos dias atuais; a perda de território de povos indígenas e quilombolas associada ao consumo predatório da natureza e os impactos ambientais que este acarreta; a problematização acerca de temas como o apagamento de saberes tradicionais, ausência de autonomia alimentar e impactos causados pelo agronegócio; as práticas agroecológicas enquanto caminho e oposição ao agronegócio; e a elevada produção de lixo e devastação natural

acarretadas por grandes empresas, sobretudo do ramo da mineração. O texto não apresenta um final, visto que a proposta da atividade é que este seja construído de forma conjunta com os espectadores, demonstrando, desta forma, que existem outros caminhos possíveis para uma realidade aparentemente pessimista e que, a partir da construção coletiva, podemos intervir e transformá-la.

A atividade foi desenvolvida a partir de pensamentos freireanos sobre a educação, traçando um paralelo com as técnicas dramatúrgicas advindas de Boal. Esta convergência entre arte e educação não se restringe ao ambiente escolar ou a uma formação artística, estando presente também na formação cidadã e divulgação no campo agroecológico, existindo, por exemplo, grupos que trabalham com o Teatro do Oprimido dentro do MST.

Para a elaboração do texto, houve uma busca de conhecimentos que se adequem à nossa realidade, dentro de um país sul-americano com raízes indígenas e africanas, apresentando traços culturais próprios e diversas formas de se experienciar a vida. De tal modo, a obra apresenta protagonismo quilombola e indígena que têm como objetivo comum preservar suas vivências e passá-las adiante para as próximas gerações. O antagonista principal, chamado de Sr. Capital, pretende se apropriar das terras para extrair minérios e assim expandir sua fortuna, utilizando-se de grilagem para isso. Durante a narrativa, os espectadores são conduzidos por diferentes terras, conhecendo seus moradores e suas culturas, sociais e vegetais.

A prática em questão foi realizada com educadores ambientais em formação, que carregam diferentes bagagens e vivências, tendo em comum que todos ocupam a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e integram o CISA. De tal forma, a atividade visou contribuir na formação destes educadores, estimulando debates, despertando a sensibilidade e unindo pautas étnico-raciais, agroecológicas e da educação popular às artes dramáticas.

Descrição da Experiência

Visando uma construção conjunta da atividade e reconhecendo os conhecimentos prévios de todos que a ela integraram, buscou-se a utilização de uma metodologia participativa, que é um dos propulsores nas práticas do Teatro do Oprimido. Deste modo, a prática iniciou-se a partir do acolhimento para que o público se sentisse à vontade em participar. O espaço do CISA é composto por uma área externa que, por ser banhada por uma beleza natural vinda de suas plantas e pequenos animais atraídos por elas, resgata em nosso ser o contato com o meio que outrora tivemos.

Após o momento de chegada ao espaço, iniciamos a apresentação do monólogo. O público contou com quatro espect-atores, todos integrantes do CISA e entusiastas da educação socioambiental. O público reduzido auxilia no desenvolvimento da prática, possibilitando uma escuta atenta das falas de todos os participantes, além de que, por todos já se conhecerem, estes se mostram menos inibidos em demonstrarem suas perspectivas. Contudo, a metodologia poderia se mostrar eficaz

também em meios com mais pessoas envolvidas, visto que assim haveria uma maior troca entre diferentes vivências.

Durante a apresentação do monólogo, o ator busca algumas interações com o público por meio de perguntas simples, tanto como forma diagnóstica, quanto para desenvolver uma ligação e horizontalidade entre intérprete e ouvintes. Destas perguntas podemos destacar: “Vocês sabem me dizer para que servem as histórias?”, que é feita logo na abertura da cena. Inicialmente, não houve uma resposta, provavelmente por termos muito presente em nossas mentes que não devemos interagir com o teatro e intervir na obra, extrapolando esta premissa, podemos dizer que temos em mente que não podemos interagir em sala de aula, ou mesmo intervir em nossa realidade.

Buscando quebrar esta barreira interativa, utilizou-se de uma metodologia teatral denominada “quebra brechtiana”, na qual há uma quebra da catarse ao falar diretamente com o público, abandonando momentaneamente a narrativa e estabelecendo um diálogo. Neste momento, é dito aos participantes que pretende-se construir um espetáculo conjunto, e que as falas que estes apresentarem são fundamentais para isso. Assim, a partir de um estranhamento inicial, pôde-se tornar mais clara a intenção da atividade e estimular a participação ativa dos ouvintes.

Dentre os cenários semi-fictícios do texto, estão o Quilombo da Prata, a Aldeia da Água e o Quilombo da Colheita, sendo este último um espaço agroecológico e que busca referências no MST. Para a apresentação deste espaço, voltamos a fazer questionamentos ao público, desta vez sobre plantas alimentícias que estes conheciam e que poderiam estar presentes no local. Foram verbalizadas uma variedade de plantas, e assim construímos juntos as culturas presentes neste quilombo. Na peça, somos apresentados a um agricultor local, que explica sobre o cultivo no espaço e faz críticas à forma de produzir do agronegócio e aos agrotóxicos.

Encaminhando para o final do texto, nosso vilão, o Sr. Capital, está chegando com suas máquinas para se apossar dos quilombos e da aldeia da região, porém, após nossa protagonista conhecer as formas de se viver de cada um desses locais, ela decide se opor aos planos do antagonista e lutar contra seu avanço nas terras próximas. A partir deste ponto, não há um final pré-definido, e é questionado aos espectadores o que poderia ter acontecido. Assim, foram chamados para compor a cena dois voluntários, um que assumiu o papel da nossa protagonista, representante do Quilombo da Prata, e o outro representou os povos originários. Os participantes chegam ao consenso de que a união e luta dos povos seria um caminho para combater o avanço da exploração naquele ambiente.

Resultados

Para uma compreensão conjunta dos resultados atingidos, após a apresentação iniciamos uma roda de conversa, objetivando compreender os sentimentos e aprendizados que foram trabalhados no momento. Durante e após a prática, foi observada a visão crítica que os integrantes apresentam acerca da devastação ambiental que nosso planeta vem sofrendo, além de se oporem às formas de opressão que as grandes empresas impõem às comunidades tradicionais e ao racismo ambiental que estas estimulam.

Foram partilhadas possibilidades outras para o projeto, tanto de apresentação em espaços de educação formal, quanto em ambientes com maior quantidade de pessoas. Também dialogamos sobre como o teatro apresenta um potencial para trabalhar questões socioambientais na formação de educadores e na própria formação cidadã, reconhecendo, nesta peça em específico, o nosso lugar enquanto integrantes do meio natural e o respeito para com outras formas de vida que não a do ambiente urbano.

A experiência em questão se mostrou enriquecedora na formação de educadores e, a partir desta, pretende-se estender o projeto a outros públicos, seja com pessoas mais jovens, em idade escolar, ou em outros espaços formativos não acadêmicos.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os integrantes do CISA que se disponibilizaram a participar da atividade e se mostraram abertos durante e após a prática. À Samara dos Santos Pimentel, pelo acolhimento no espaço e por integrar este projeto. À professora Ana Maria Dantas Soares, por acreditar neste projeto desde seu início. E à professora Lilian Cordeiro, por viabilizar uma conexão entre este trabalho e o campo agroecológico.

Referências bibliográficas

BOAL, Julian. Pondo o Teatro do Oprimido na história. *In*: VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; PEREIRA, Paola Masieiro. **Cultura, arte e comunicação**. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015. cap. 4, p. 77-87. ISBN 978-85-64421-78-3.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021 (1996). ISBN 978-85-7753-409-8.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do Mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. ISBN 978-85-359-3358-1.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. ISBN 978-65-5921-154-8.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo; RÓTULO, Guilherme. Práticas teatrais no MST. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 2, n. 04, p. 82-89, 2007.